

MEMÓRIA, MODA E FEIURA: UMA ANÁLISE DAS MÁSCARAS COMO ITEM DO VESTUÁRIO PANDÊMICO

*Memory, Fashion and Ugliness: An Analysis of Masks as an Item from the Pandemic
Wardrobe*

Melo, Carolina Felix de; Mestranda, Universidade Federal de Pernambuco,
carolina.felix@ufpe.br¹

Duarte, Oriana; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco, Oriana.araujo@ufpe.br²

Resumo: O presente estudo, inserido no universo contextual da pandemia do Covid-19, tem como objetivo levantar ideias sobre o impacto provocado pela súbita adesão em massa do uso de máscaras. Ao se tornar um item imperativo no nosso guarda-roupas, é esperado que as máscaras, e a subjetiva feiura que carrega, arremate-se também em nossa memória individual e coletiva. Mostrando-se assim, a importância de sua investigação.

Palavras chave: Memória, Feiura, Máscaras.

Abstract: The present study, situated in the universal context of the Covid-19 pandemic, aims to raise ideas about the impact caused by the sudden mass adoption of the use of masks. The masks, and the subjective ugliness they carry, become an imperative item in our wardrobes. As a consequence, it will also become a part of our individual and collective memory. Therefore, showing itself the importance of its investigation.

Keywords: Memory, Ugliness, Masks.

¹ Graduada no curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco (2017). Graduação tecnológica em Design de Moda na Faculdade Senac Pernambuco (2018). Iniciou mestrado no PpgDesign da UFPE em 2019, na linha de pesquisa Design, Cultura e Artes.

² Graduada em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Pernambuco (1990), mestrado (2000) e doutorado (2012) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea, corpo e processo artístico e pesquisa das relações entre arte e filosofia (modos de vida).



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Introdução

Após mais de um ano vivendo em pandemia, o uso das máscaras passa a ser, além de indispensável, um item corriqueiro dentro dos nossos guarda-roupas. Nos primeiros meses de surto do SARS-CoV-2, o uso desse artefato se normaliza, tanto quanto o medo e a insegurança do momento histórico. Assim, a máscara se torna a concretização, a representação visual e sensorial do caos sanitário.

Como tal, esse equipamento de proteção individual (EPI), um acessório de prevenção médica hospitalar antes alheio ao nosso cotidiano, agora é inerente à existência humana, seja individual ou social. Passamos a nos ver com máscaras, bem como a nos apresentar para o outro e ver o outro também com a face mediada por essa barreira.

Dentro desse contexto, entendemos que a moda e o vestuário estão diretamente ligados a formação da nossa subjetividade e processos identitários (MESQUITA, 2014), pois é por meio da roupa que conseguimos nos apresentar ao mundo, sendo o invólucro necessário para nossa convivência social.

Nesse sentido, a máscara (EPI), enquanto um imperativo para a vida em sociedade, precisa ser analisada no que se refere ao impacto causado com a introdução repentina do seu uso em massa. Também, importa a esta análise a moda como elemento essencial da formação de memória e, conseqüentemente, de afetividades, aqui expressas na complexa condução das políticas de governança da saúde da população.

Na contramão do incentivo à proteção, mediada pela máscara, veiculada pela comunidade científica, situam-se os discursos proferidos pelo presidente brasileiro, que nega a gravidade da pandemia, questiona as orientações científicas e desencoraja o uso de tal acessório. Esse descaso, frente ao combate da COVID-19, tende a agravar o estado de crise sanitária, tornando a situação ainda mais feia. Diante desse contexto, usar ou não o acessório virou, também, um ato de posicionamento político.

Ao acompanhar esse panorama, propõe-se levantar questionamentos acerca do impacto que a máscara pode acarretar à construção da nossa memória individual e coletiva nos anos por vir. Isto porque a moda funciona como material de armazenamento de





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

memória coletiva e, como bem lembrado por Stallybrass (2008), observa-se a sua força enquanto artefato histórico, que permite compreender o posicionamento de alguns itens no campo social e político de determinada época.

Também sobre a construção de memória, Assmann (2011) nos apresenta a relação entre trauma e dor como elementos de alta fixação da memória, podendo gerar “índices de recordação” através de marcas físicas ou psicológicas. Nesse caso, o estado de medo e angústia instaurado pela pandemia, funcionam como tais marcadores.

O trabalho se pautou em uma abordagem do nosso presente pela lente da “estética da feiura”, cujo reflexo nos acessórios de moda e sua irremediável marca na memória dos brasileiros escancara, também, a força da carga subjetiva existente em cada objeto, sendo superior aos seus atributos físicos (Bayley, 2012). Os resultados preliminares apontam que as máscaras funcionam como um símbolo de nossa época, portando, conseqüentemente, o impalpável horror sanitário e político em que vivemos. O uso das máscaras, como condição essencial de sobrevivência, funcionará como índice de recordação. A feiura de seu escopo, ao longo dos anos, tende a carregar o fardo do caos sanitário.

Memória Vestida

Efetivada pelo ato de recontar o passado, a memória depende da concretude de algo que inexistente no agora. Não obstante, é impossível compreendê-la completamente sem considerar o presente, na medida em que é nele que se experimenta o que virá a ser memorado no futuro.

Entretanto, nem toda experiência se torna memória, de modo que somos levados a pensar sobre o que precisa acontecer no presente para que algo se perpetue em lembrança. Visto que, existem inúmeras situações que viabilizam o sedimentar de um fato, responder essa pergunta, sucintamente, é uma tarefa que beira o impossível. Aleida Assmann (2011), já no início do seu livro, discorre sobre como a memória pode ser pluralmente investigada e o que isso implica para quem se aventura nesse caminho:



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Essa variedade de abordagens da questão revela que a memória é um fenômeno que nenhuma disciplina pode monopolizar. O fenômeno da memória, na variedade de suas ocorrências, não é transdisciplinar somente no fato de que não pode ser definido de maneira unívoca por nenhuma área; dentro de cada disciplina ele é contraditório e controverso. (ASSMANN, 2011, p.20).

A despeito do campo em que se analisa a memória, podemos identificar dois meios pelos quais ela pode se apresentar, a individual e a coletiva. Apesar de intersectarem uma na outra, possuem características diferentes, sendo importante reconhecer suas especificidades. Como indivíduos, o recordar é indispensável para construção de quem somos, o nosso caminhar, lugares aonde fomos, culturas que produzimos, experiências que são inscritas em nós, criando o repertório de vivências que nos compõe.

Na qualidade de parte formativa da identidade, tanto do sujeito como do coletivo, a memória exerce uma importante função na construção social. A possibilidade de inventariar recordações, constrói a forma como entendemos o passado, vivemos o presente e planejamos o futuro. Decidir o que fica inscrito como memória coletiva, além de demonstrar a importância desse elemento fluido, imputa grande poder às entidades que constroem e decidem o que se sedimentará: “Enquanto os processos de recordação ocorrem espontaneamente no indivíduo e seguem regras gerais dos mecanismos psíquicos, no nível coletivo e institucional esses processos *são guiados por uma política específica de recordação e esquecimento* ” (ASSMANN, 2011, p. 18, grifo pessoal).

Como parte desse jogo político-social de recordação e esquecimento, encontram-se os meios de registo da memória. Apesar da grande diversidade desses meios, alguns destacam-se, como por exemplo, a escrita, pela sua tradição, nos livros históricos, diários, jornais etc. A imagem, como meio de fixação, também apresenta um grande legado, através das pinturas, fotografias e filmes. E não tão comum, o corpo também coleta lembranças através de cicatrizes, sinais, gestos, etc.

Da mesma forma, a roupa, que nos revela costumes, *status* social e poder econômico, opera como um desses meios de registro. O vestuário nos permite estudar momentos passados, conhecer diferente culturas, entender meios de produção, dentre muitos outros fatores sociais. Nesse sentido, a moda tanto fomenta memória, quanto documenta história na modernidade:





COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

A moda se permite tomar elementos de memória como referência para resignificá-los. A moda acompanha modernizações técnicas, sociais e culturais - que exigem adornos adaptados aos novos tempos. A moda vive uma tensa e complexa relação com o tempo, ela é simultaneamente passado, presente e antecipa uma possibilidade de futuro. (ANDRZEJEWSKI, 2006, p.44)

Ao utilizar a indumentária como documento, faz-se da moda um meio de registro, tendo a roupa, vital importância na construção da memória individual e coletiva. Nessa ótica, a roupa que usamos em ocasiões singulares, por exemplo, carregam em si elementos daquela experiência.

Conforme as tendências vigentes, a moda consegue marcar décadas e períodos históricos, e como tal acompanham-nos em fases vida. A adolescência, por exemplo, é marcada por roupas que ao passar dos anos despertam nostalgia. Inevitavelmente, momentos difíceis também são gravados em peças de roupa, como tão bem expresso no referencial livro *O casaco de Marx: roupas, memória, dor* (Stallybrass, 2008):

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (STALLYBRASS, 2008, p.10).

Assim, entendemos que nossa convivência em sociedade é mediada pelos invólucros que nos contornam o corpo, é esperado que, ao fim da vida, eles se impregnem da nossa essência, e nos carreguem como um relicário, estendendo nossa existência à memória.

Atualmente o sistema comercial de moda fundamenta-se na renovação de um ciclo de tendências, tais forças possuem o poder de indicar o que está em voga, contrariamente ao esquecimento imediato do que acabou de passar. Essas transformações vão sendo integradas a nossas experiências, algumas mais que outras, e além de compor nossas recordações, também contribuem com a formação de quem somos.

Em seu livro *Moda Contemporânea*, quatro ou cinco conexões possíveis, Cristiane Mesquita (2004) elabora sobre como a moda e o vestuário estão diretamente ligados a formação da nossa subjetividade, e dessa forma relacionam-se com a nossa identidade:





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Ligações entre a Moda e o conceito de identidade são bastante recorrentes. [...] Também são comuns as relações da Moda com as idéias como “expressão do eu” ou “constituição do sujeito” [...] “Nesse caso, poderíamos pensar os elementos do vestuário e a Moda como agenciadores na constituição de identidade (s), como fatores de subjetivação. (MESQUITA, 2004, p.18-20)

Isto posto, utilizamos o vestuário para comunicar-nos, identificar-nos, afirmar-nos. Essas mudanças, compassadas por tendências de estilo, ficam em nossa memória e fazem parte da construção de identidade pessoal e coletiva.

Independentemente de ser o tipo de pessoa “antenada na moda” ou não, a roupa, além de sua função social de comunicação é também um artefato de sobrevivência da espécie humana, atendendo a nossa necessidade fisiológica. Para nos proteger do frio, do sol, e de todas as adversidades externas, tal a que hora experienciamos, pois, a roupa e seus acessórios (EPIs) são uma das principais formas de proteção contra o contágio e disseminação da COVID-19. Essas questões nos levam a pensar sobre outra forma de fixação de memória, que se apresenta substancial para os propósitos deste estudo, o meio de registro corporal.

Novamente trago um trecho do livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, onde Assmann (2006), reforça que “o corpo também pode funcionar como um meio em si, na medida em que os processos psíquicos e mentais de recordação são ancorados de maneira tanto somática quanto neuronal ” (ASSMANN, 2006, p. 25).

E é possível argumentar que a vivência em pandemia tem proporcionado intensas experiências, igualmente corpóreas e subjetivas. No conjunto de tudo isso, temos dois meios de registro de memória unidos pelas máscaras. O registro pelo corpo, o sofrimento psicológico e físico, assim como o registro de uma peça de vestuário como documento.

Feiura da Negação, Feiura da Doença

Ao estabelecer, para o propósito desse artigo, as relações entre moda, vestimenta e memória, atingimos o momento de abordar, mais a fundo, a atual conjuntura do país, onde enfrentamos, de forma subjetiva e objetiva, a feiura.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Estendendo-se por mais de um ano e meio, nos vemos de frente às violentas consequências da pandemia da COVID-19. Além das incontáveis mortes, ultrapassando a marca do meio milhão, o vírus deixa inúmeras sequelas naqueles que conseguem se recuperar da fase mais crítica da doença. Devido a necessidade de isolamento social, muitos estabelecimentos tiveram que fechar ou diminuir as horas de serviço, isso levou ao crescimento do desemprego e intensificou outras desigualdades sociais preexistentes, agravando um estado que já era horrível.

Rosana Salles, uma das pesquisadoras responsáveis pelo levantamento da Rede Penssan e professora de Nutrição da UFRJ, diz que além do aumento da fome, o que chamou a atenção foi a “queda brusca na segurança alimentar”, quando as famílias não têm problemas para pôr comida na mesa, que caiu de 63,3% em 2018 para 44,8%. É o menor índice da série iniciada em 2004. — O acesso insuficiente em quantidade e qualidade da alimentação para família cresceu muito, principalmente a insegurança leve (não há garantia de que a família será capaz de comprar comida). Esse é o primeiro prejuízo, que vem com a perda de emprego ou corte do salário. Mas não imaginávamos que menos da metade da população tivesse segurança alimentar no Brasil. (ALMEIDA, 2021)

O aumento da fome no país, com certeza é um dos fatores que destaca a magnitude desse problema. Como se tudo isso já não fosse suficientemente feio, o Brasil tem, no cargo mais alto do executivo, um homem que nega a gravidade da doença, desacata as autoridades sanitárias e desmerece o trabalho de cientistas e profissionais da saúde. O atual presidente, desde o início da pandemia no país, em março de 2020, conduz o país de forma contrária às principais orientações de segurança. Promove grandes aglomerações, comparece à essas sem máscara, confraterniza com seus eleitores trocando apertos de mão e abraços, um conjunto de ações que só intensificam a disseminação da doença.



Figura 1: Um mural em protesto contra Bolsonaro no início de junho, na avenida Paulista, em São Paulo.



Fonte: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-06-29/bolsonaro-e-um-agente-letal-que-agrava-a-pandemia.html>,
Marcelo Chello / Ap, 2021

Um estudo publicado em 2021, avaliando as medidas tomadas pelo governo federal, desde o início da pandemia no Brasil, realizado pela parceria entre o Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) e a Conectas Direitos Humanos, aponta que o comportamento do presidente não é aleatório: “No âmbito federal, mais do que a ausência de um enfoque de direitos, já constatada, o que nossa pesquisa revelou é a existência de uma *estratégia institucional de propagação do vírus*, promovida pelo governo brasileiro sob a liderança da Presidência da República ” (CEPEDISA e CONECTAS, 2021, p.6, grifo pessoal). Dessa maneira, evidenciando a intencionalidade que existe nas escolhas do governo. Com sua postura e atos negacionistas, Jair Bolsonaro se mostra um péssimo exemplo que, infelizmente, é amplamente aderido por seus apoiadores e aliados.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Feiura na Máscara

A estrutura contextual, previamente descrita, que envolve o caos sanitário provocado pela pandemia, apresenta-se como um ambiente propício ao surgimento do feio. Deparamo-nos com a feiura objetivo, representado pela doença, sequelas e pela morte. Da mesma forma que nos vemos diante de uma feiura subjetiva, exemplificada acima, pelo descaso político frente ao caos sanitário.

Dentre os estudos sobre o assunto, é clara a noção de que o feio está diretamente relacionado ao contexto no qual está inserida. No livro *Ugly, The Aesthetics of Everything*, o autor Stephen Bayley (2012) afirma que “quanto mais se preocupa em pensar nisso, mais convencido se torna de que as definições de fealdade não dependem da superfície das coisas, mas da sua substância filosófica”³ (BAYLEY, 2012, p. 164)

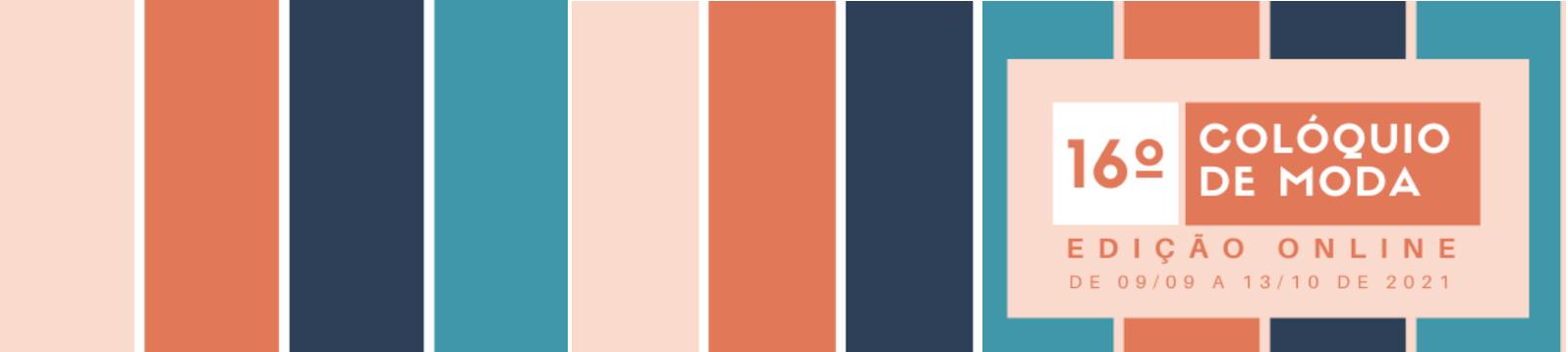
Devido a grande diversidade que existe no universo da feiura, sua constante presença ao nosso redor, reafirma a característica fenomenológica que possui, conseqüentemente, também se certifica a importância de entender mais sobre essa estética. Dentro do ambiente da moda, por exemplo, está fundada a característica multável dos valores estéticos, um momento algo está em voga, e é considerado bonito, no outro está *out*, e é considerado feio. Mostrando que a vestimenta também possui esse caráter contextual, multável, onde os acontecimentos sociais, históricos e políticos, são agentes motores da moda.

Inserido nesse universo, estão as máscaras. O acessório de proteção, imperativo no momento pandêmico, tornou-se um item corriqueiro no nosso guarda-roupas. E como tal, sofrem das interferências e mecanismos da moda, absorvendo em si a atmosfera dos acontecimentos que a cercam.

A moda dentro desta questão da memória nos informa vários aspectos trabalhados por autores que se dedicam ao tema da memória. Retornando a Davallon quando escreve que o acontecimento se dará em um momento singular do tempo; mas a essência do ato se encontrará para sempre na própria estrutura do objeto que o

³ Tradução própria de: “The more you bother to think about it, the more convinced you may become that definitions of ugliness depend not on the surface of things, but on their philosophical substance” (BAYLEY, 2012, p. 164)





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

representará. *E mais adiante ele se tornará indissociavelmente documento histórico e monumento de recordação.* (ANDRZEJEWSKI, 2006, p.44 e p.45, grifo pessoal).

Partindo desse pressuposto, é possível imaginar que, da mesma forma que a máscara carregará o significado de proteção e luta contra o SARS-CoV-2, ela também se fundirá com o horror social instaurado pela falha governamental em garantir a saúde da população diante à ameaça da doença.

Índice de Recordação

Frente a tal panorama, e com base nas noções discutidas anteriormente, é possível inferir que as circunstâncias envolvendo a pandemia do coronavírus carregam grande potencial de influenciar a construção da moda e conjuntamente da nossa memória. Tendo isso em vista, trago a atenção de volta para os meios de registro de memória, especificamente para o corpo. Conforme mencionado anteriormente, o corpo é um meio pelo qual podemos armazenar lembranças, e frente a sociedade pandêmica, o nosso corpo é afetado por traumas, tanto físicos como também psíquicos. O trauma por sua vez, é descrito como uma forte ferramenta de memoração:

Sua tese sobre a “dor como o acessório mais poderoso da mnemotécnica”, Nietzsche a desenvolveu em uma retórica simples de pergunta e resposta. Sua pergunta: “Como se cria uma memória para o animal humano? Como se entalha nesse entendimento de natureza instantânea, em parte embotado, em parte confuso, nesse esquecimento encarnado, alguma coisa de modo que ela permaneça ali?” E a resposta: “Marca-se a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que não termina, o que dói, fica na memória”⁴ [...]. Somente elas [feridas, cicatrizes, dores] garantem os vestígios duradouros confiáveis, que não são interrompidos pelo esquecimento temporal. (ASSMANN, 2011, p.263)

Ao falar sobre momentos que nos marcam o corpo, Aleida Assmann (2011), apoia-se nas situações de guerra como exemplo, onde soldados se deparam com uma situação de estresse mental e físico. As experiências da batalha se sedimentarão na memória e terão as cicatrizes como “índices de recordação”. A autora apresenta um trecho de *Henrique V*, obra de Shakespeare, para exemplificar essa ideia:





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Hoje é dia de São Crispino:

Aquele que sobreviver ao dia de hoje e voltar para casa são e salvo

Ficará de ouvidos em pé sempre que este dia for mencionado

E vai inflamar-se só de ouvir falar em São Crispino.

Aquele que testemunhar o dia de hoje e viver até a velhice

Presenteará seus vizinhos todos os anos com um banquete, sempre na véspera,

E dirá: “Amanhã é dia de São Crispino”:

Então ele vai arregaçar as mangas e mostrar os ferimentos

E dizer: “Estas cicatrizes são herança do dia de São Crispino”.

Os velhos se esquecem e, mesmo que ele tenha se esquecido de tudo,

Lembrará, contando vantagem,

Dos feitos que perpetrrou naquele dia.

(SHAKESPEARE, apud ASSMANN, 2011, p.265)

Dessa forma, os índices de recordação, carregam momentos marcantes que se ancoram em algo concreto, no exemplo descrito, em uma data específica e em cicatrizes do corpo. Sendo assim, após a passagem desse evento, mesmo que muito tempo depois, ao entrar em contato com seus índices, o acontecimento ressurgirá em lembranças.

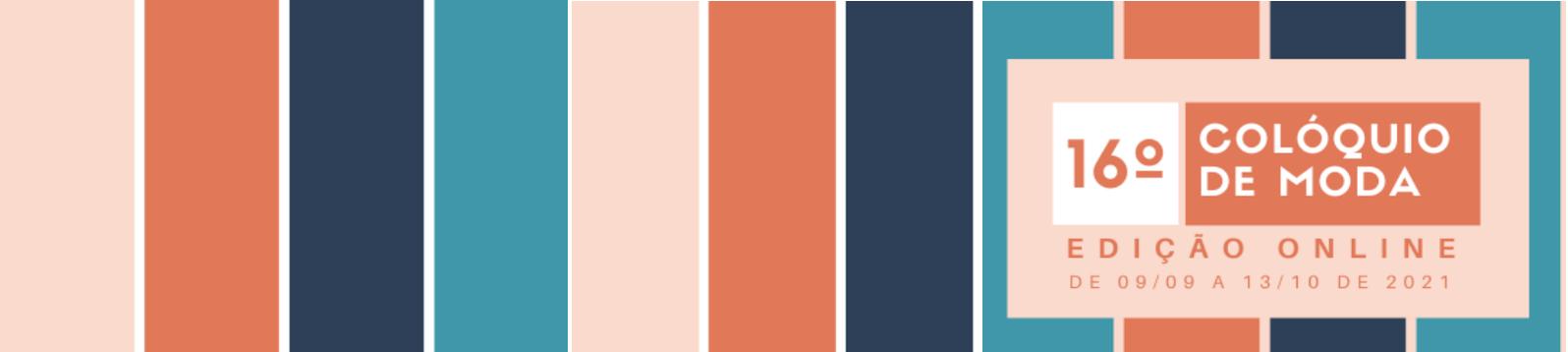
Apesar da glória heroica, descrita no texto de Shakespeare, existe, atrelado a essa experiência, um lado traumático. Permeado por dor e estresse gerados em um estado crítico, no qual lida-se intensamente com medo, ameaça, insegurança e morte. Esses traumas também são impregnados nos monumentos de recordação e podem causar, ao serem relembrados, reações de estranhamento e desconforto.

Um estudo qualitativo, realizado pelas pesquisadoras da Universidade do Minho, M. Graça Pereira e Susana Pedras (2010), visava acessar o possível impacto causado pelo cenário de guerra na vida dos veteranos. Pereira e Pedra (2010) entrevistaram esposas e parceiras desses veteranos. Nos resultados, é possível observar, entre outras consequências, o mecanismo de algo que se assemelha a um monumento de recordação:

Desde que viemos para aqui estamos muito diferentes, mais compreensivas com tudo e compreendemos o que de facto esta guerra fez. Já percebo melhor... porque é que ele não pode ver *fardas*... não pode ver... ele às vezes diz me coisas que ainda o marcaram... que lhe deixou marcas... e agora percebo porquê!” (PEREIRA e PEDRA, 2010, p. 287, grifo pessoal)

Geralmente, visto como um símbolo de orgulho e distinção para homens e mulheres que servem ao exército, o fardamento, nesse caso, arremata-se a lembranças indesejadas.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Sendo assim, o uniforme se torna um monumento de recordação, trazendo à tona sentimentos incômodos, ao reviver em sua cabeça os momentos traumáticos pelos quais passou, enquanto vestia aquele traje.

Esse mecanismo, ao que me parece, assemelha-se ao sistema que dá origem a aparição do *Infamiliar*. No campo da psicanálise, Sigmund Freud (2019) discorre sobre os conceitos que circundam a angústia, a inquietação, o estranhamento, colocando-os como fruto do *retorno do recalcado*. “É justo dizer que o infamiliar é o familiar-doméstico que sofreu um recalçamento, dele retornando, e que todo infamiliar preenche essa condição” (FREUD, 2019, p.97). Algo reprimido, o qual um dia foi familiar, ao regressar, causa desconforto, tornando-se infamiliar. E apesar de Freud abordar inúmeras circunstâncias que despertam signos do infamiliar, ele reforça que todos se unem pelo *retorno do recalcado*.

Frente a isso, nas ocasiões em que um índice de recordação é gerado por trauma, é possível ver semelhanças entre este e o conceito descrito por Freud. Ao entrarmos em contato, com um ou com o outro, deparamo-nos com os sentimentos conflitantes que gera desconforto. De um lado a familiaridade de algo que vivenciamos no passado, do outro o incômodo revivido pelas lembranças do trauma que o fabricaram.

Considerações Finais

No contexto que nos encontramos, nessa “guerra” contra o coronavírus, traçamos estratégias de combate, planejamos as melhores formas de defesa, e através dos EPIs, vestimos com os escudos apropriados para enfrentar essa batalha. Privando-nos de uma “vida normal”, lutamos com o medo, a angústia, o isolamento, e os acometidos pela doença, afetados pelos mais variados sintomas, enfrentam um cenário fatal. Nosso corpo tem suportado golpes físico e mentais. E mais importante, vivenciamos isso tudo mediados pelo principal aparato de proteção, as máscaras.

Frente a isso, é possível pressupor que, as máscaras se tornarão um símbolo representativo dos anos de convivência com a COVID-19, um futuro índice de recordação. E como tal, após o fim da pandemia, na tentativa de recomeçar, nos libertaremos da necessidade





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

de vestir as máscaras na mesma intensidade que fazemos agora, porém, sem esquecer o momento histórico que vivenciamos.

Pelo que foi discutido até aqui, a memória a moda e a feiura possuem uma conexão vasta, inscritas no tecido sociopolítico que nos encontramos desde março de 2020. Nossos corpos ferem com as marcas deixadas, nossa mente, abalada pela alta carga traumática, imprime ícones que, sem dúvida, vão se fixar em nossa memória, individual e coletiva.

Por fim, é importante frisar que conjecturar o porvir é uma tarefa impossível, principalmente quando nos encontramos no olho do furacão dos acontecimentos. Sendo assim, o que apresento aqui são elucubrações, uma tessitura de ideias, conceitos e palpites na tentativa de absorver e fazer sentido ao que experienciamos ao longo desses meses de pandemia. Meses nos quais fomos marcados pela feiura, seja manifesta na invisibilidade de um vírus, seja materializada na negação do bom combate pela vida. Sendo assim, a face cortada pela máscara desloca a experiência do feio para o campo da resistência e esperança, que são potências de um belo viver.

Referências

ALMEIDA, Cassia. **Economia:** Fome cresce e, pela 1ª vez em 17 anos, mais da metade da população não tem garantia de comida na mesa. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/fome-cresce-pela-1-vez-em-17-anos-mais-da-metade-da-populacao-nao-tem-garantia-de-comida-na-mesa-24956620>>. Último acesso em agosto 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CEPEDISA, Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e CONECTAS, Direitos Humanos. **Direitos na Pandemia,** Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil. Boletim n.10, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>>. Último acesso em agosto de 2021.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

LACERDA, Nara. **125 mil mortos:** Bolsonaro desestimula uso de máscara de proteção contra a covid. Brasil de Fato, São Paulo (SP), 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/09/04/125-mil-mortos-bolsonaro-desestimula-uso-de-mascara-de-protecao-contr-a-covid>>. Último acesso em março 2021.

MESQUITA, Cristiane. **Moda Contemporânea:** quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: editora Anhembi Morumbi, 2004.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu. - 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

